



Pertencimento e deslocamento no romance *A casa na Rua Mango* de Sandra Cisneros

Juliana Cássia Müller¹

Dionei Mathias²

Resumo:

Este artigo deseja analisar as dinâmicas de pertencimento e deslocamento, no romance *A casa na Rua Mango* (2020), de Sandra Cisneros. Na discussão teórica, o artigo recorre às considerações de Kraus (2006), Mathias (2023) e Strath (2008) para compreender as dinâmicas e implicações desse processo. A parte analítica tem como foco a protagonista Esperanza, uma criança, em grande parte do relato, que não se sente pertencente ao seu bairro hispânico, em Chicago. Em diferentes cenas, reverbera a ausência do pertencimento, o que se mostra especialmente a partir do uso da língua. O relato diegético ilustra as tentativas de Esperanza de encontrar palavras para nomear algo que ainda não consegue verbalizar. Conclui-se que pertencimento e deslocamento se revelam também por meio dos usos da língua.

Palavras-chave: Sandra Cisneros; *A casa na Rua Mango*; Literatura de fluxos migratórios; Pertencimento; Deslocamento.

Belonging and displacement in Sandra Cisneros' novel *The House on Mango Street*

Abstract:

This article aims to analyze the dynamics of belonging and displacement in Sandra Cisneros' novela *The House on Mango Street*. In the theoretical discussion, the article draws on considerations made by Kraus (2006), Mathias (2023) and Strath (2008), in order to understand the dynamics and implications of this process. The analytical part focuses on the main character Esperanza, a child, for most of the story, who does not feel she belongs to her Hispanic neighborhood in Chicago. In different scenes, the absence of belongingness plays a central role, which is illustrated by the uses of language. The diegesis enacts Esperanza's attempts to find words to name something she still cannot verbalize. It is concluded that belongingness and displacement are also revealed through the uses of language,

Keywords: Sandra Cisneros; *The House on Mango Street*; Literature of Migratory Flows; Belongingness; Displacement.

¹ Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob orientação do Professor Dr. Dionei Mathias. Mestre em Letras, com ênfase em Estudos Literários e Graduada em Letras – Inglês pela mesma instituição. E-mail: juliana.muller@acad.ufsm.br

² Formado em Letras pela Universität Hamburg (Grund- und Hauptstudium, Magister Artium, Dr. phil.). Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Foco de pesquisa em representações literárias de construções identitárias e de dinâmicas afetivas. E-mail: dioneimathias@gmail.com



1. Considerações Iniciais

O romance *A casa na Rua Mango*, de Sandra Cisneros, é um importante texto da literatura de fluxos migratórios. O romance foi traduzido para o português brasileiro por Natália Borges Polezzo e publicado em 2020, pela editora Dublinense. Na introdução do livro, Cisneros discorre sobre as múltiplas possibilidades de leitura inerentes ao relato diegético e sobre as infinitas vozes sobre as quais ela escreve: “Às vezes eu escrevo sobre pessoas que eu lembro, às vezes sobre pessoas que eu acabei de conhecer, frequentemente eu misturo as duas” (CISNEROS, 2020, p. 21). Essa multiplicidade de vozes, de certa forma, busca captar a complexidade da experiência migratória, especialmente no que diz respeito a esferas de pertencimento e deslocamento.

A protagonista do romance é Esperanza, uma criança cuja idade não é demarcada. Ela é filha de uma família de origem hispânica que reside em um bairro hispânico em Chicago. O núcleo de personagens é composto pela mãe e pelo pai, além dos irmãos Carlos, Kiki e Nenny. Característico para essa família é seu constante deslocamento, uma questão que inquieta a protagonista, já que ela menciona uma série de locais no primeiro capítulo: Loomis, Keeler, Paulina e enfim Mango. Em nenhum desses lugares, Esperanza se sente realmente em casa.

O nexo entre pertencimento e deslocamento atravessa o relato diegético, intensificado pelo desejo premente da protagonista de encontrar um lugar em que se sinta em casa. Com isso, chega-se ao primeiro vetor de análise deste artigo: o pertencimento. A despeito do espaço familiar, a menina não consegue se sentir pertencente, pois algo substancial lhe falta, sem que saiba como definir essa carência. Ao mesmo tempo, há também a questão do deslocamento, atrelada a como outros personagens concebem atores sociais provenientes de fluxos migratórios. Aqui, ressaltam-se as questões de estereotipação e preconceito, que também impactam no pensamento de Esperanza.

Assim como Esperanza, Sandra Cisneros também cresceu em Chicago, visitando frequentemente sua família paterna no México. O sentimento de deslocamento prevaleceu durante sua infância e, portanto, não lhe é estranho. Em uma de suas entrevistas, a autora caracteriza *A casa na Rua Mango* como uma autobiografia inventada, contendo traços referentes a sua trajetória pessoal, mas também com acontecimentos de pessoas próximas ou imaginadas por ela. Com isso, a autora condensa, nas malhas do relato ficcional, uma série de experiências-chave para a literatura de fluxos migratórios.

Estudiosos têm reconhecido o papel da construção da identidade chicana. É o caso de *Identidade Chicana* em *The House on Mango Street*, de Sandra Cisneros, de Lidiane Lessa de Jesus Santos (2020), que busca investigar a influência dos construtos de gênero estabelecidos pelos moldes chicanos na identidade da protagonista do romance. No mesmo viés, encontra-se Esperanza na fronteira: construção identitária dos sujeitos chicanos em *The House on Mango Street*, de Sandra



Cisneros, de Renata Rezende Menezes e Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves (2021), cujo foco também se direciona para a análise da construção do si. Através deles, percebe-se as questões que norteiam a experiência de ser chicano/chicana nos EUA e as implicações que elas podem causar no processo de pertencimento. Nesse horizonte, este artigo busca analisar dimensões de pertencimento e deslocamento presentes no relato diegético, numa tentativa de compreender de que forma elas norteiam as narrativas do si.

2. Considerações teóricas

No cenário atual, o debate acerca da identidade parece chegar a um acordo sobre sua fluidez e flexibilidade. Anteriormente, o fenômeno era tido como algo individual e privado, diferente da concepção de hoje, pautada na ideia de compartilhamento. Para Silva, Hall e Woodward (2012), a identidade é uma manifestação de sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos que visam classificar o mundo e as nossas interações.

Esse ato classificatório é responsável por agrupar atores sociais em diferentes nomenclaturas dependendo da sua forma de ser e agir no mundo. Assim, há uma relação direta com a manutenção da ordem (BAUMAN, 1999) que dita e regulamenta as crenças e visões de mundo aceitas dentro de uma organização social. Diante desse embate, surge o choque entre as noções de pertencimento e deslocamento, visto que grupos dominantes utilizam mecanismos de silenciamento para reforçar a exclusão de certos agrupamentos.

Por meio da representação do núcleo familiar de Esperanza, o romance encena a trajetória de sujeitos imigrantes, na constante oscilação entre pertencimento e deslocamento. O assentamento no novo país implica o conhecimento das regras prevaletentes nesse espaço, a fim de estabelecer ou não novas afiliações. Segundo Dionei Mathias (2023), a necessidade de pertencimento remete a “[...] um anseio que parece caracterizar a condição humana [...]” (MATHIAS, 2023, p. 167). Entretanto, esse processo não é simples e nem se restringe apenas a grupos migrantes. Ele envolve uma série de negociações que remetem a múltiplas dinâmicas sociais.

Essas negociações envolvem duas dimensões: a construção de uma identidade individual e a obtenção da sensação de pertencimento. Segundo Wolfgang Kraus (2006), a construção da identidade é marcada por fragmentação. Ou seja, o seu desenvolvimento se concretiza como experiência sem fechamento, sempre aberta à transformação. Dessa forma, o indivíduo está sujeito a mudanças contínuas, sempre confrontado com novos enquadramentos e novas dimensões de sentido que precisam ser processadas. Esse processamento contém um movimento de posicionamento, incitando o respectivo indivíduo a rejeitar, aceitar ou não atribuir valor a determinadas formatações do sentido.



O mesmo ocorre com o pertencimento, na medida que sua obtenção também emerge de processos de negociação. Segundo Kraus (2006, p. 109, tradução nossa)³:

[...] as pessoas simplesmente não escolhem as afiliações, elas precisam negociá-las com outras pessoas e são posicionadas dentro delas por outras pessoas. Sua distância de algumas identidades coletivas ou sua proximidade de outras deve ser expressa por elas - e afirmadas ou rejeitadas pelos outros presentes.

O processo de negociação obviamente não é linear e sem conflitos. As metáforas espaciais utilizadas por Kraus remetem ao fato de que todo sujeito ocupa determinadas posições nas coordenadas sociais. Ao dar início a um processo de negociação, o respectivo indivíduo também desencadeia um movimento de revisão dos posicionamentos, na medida em que busca por inclusão ou ao impedir o acesso às coordenadas em que se encontra.

O que está em jogo, de certa forma, é o lugar de fala, seguindo Djamila Ribeiro (2017), e as diferentes interseções que atravessam o indivíduo, ainda antes de dar início ao processo de negociação de sentidos. O ângulo que essa perspectiva traça contém implicações que acompanham os múltiplos posicionamentos ocupados pelo indivíduo: gênero, classe, sexualidade, nação, etnia, habilidade, localização geográfica (ANTHIAS, 2013; CARBADO et al., 2013). Cada um desses vetores impacta nas dinâmicas de pertencimento e pode promover deslocamentos. Ao mesmo tempo, a soma desses múltiplos atravessamentos também define as condições específicas, definindo o escopo de chances de participação.

Em grande medida, indivíduos não têm consciência sobre como essas diferentes intersecções condicionam as dinâmicas de interação social. Não raramente, muitos romances ilustram, por meio do relato diegético, o árduo percurso de desenvolvimento dessa consciência, antes que as personagens se engajem ativamente para obtenção do direito de participação. O ponto de partida para isso é o uso da própria língua. Em seu percurso individual, o sujeito aprende a nomear ou a usar terminologias herdadas. A tensão se instaura no momento que o indivíduo identifica as limitações dos usos verbais e busca por novas formas de nomear sua realidade.

³ No original: “[...] people do not simply choose affiliations, they have to negotiate them with others and are positioned within them by others. Their distance to some collective identities or their closeness to others must be expressed by them - and affirmed or rejected by present others” (KRAUS, 2006, p. 109).



Isso significa reconhecer, por exemplo, como a própria língua está a serviço da construção de pares binários. Nesse sentido, Bo Stråth (2008) argumenta, em *Belonging and European Identity*, que solidariedade e comunidade são construídas com base nas distinções entre “nós” e “eles”. Assim, os indivíduos parecem reproduzir esse princípio de binarização, por meio de aproximação ou distanciamento, estabilizando desse modo os enfeixamentos de sentido. Nessa esteira, Stråth identifica a importância da Hamlet Question, em que duas possibilidades são apresentadas: pertencer ou não pertencer. Obviamente, o pertencimento não se produz em termos dicotômicos e não se trata de um fenômeno de fácil apreensão que pode ser descrito por meio de termos dicotômicos. Sem dúvidas, há tendências de estabilização que orientam interações, mas elas não se tornam monolíticas. São essas tendências que muitos romances problematizam, mostrando seu caráter construído e arbitrário a partir das interações encenadas na malha ficcional.

Nesse horizonte, o texto literário se transforma num laboratório de experimentação, onde o material linguístico empregado para fundamentar a arte do verbo cumpre, ao mesmo tempo, a função de encontrar um léxico capaz de verbalizar novas formas de pertencimento e de acesso ao mundo. Em suas reflexões estéticas, Salman Rushdie (1991, p. 15, tradução nossa)⁴ escreve:

Nossa identidade é ao mesmo tempo plural e parcial. Às vezes sentimos que pertencemos a [straddle] duas culturas; outras vezes, caímos entre dois bancos. Mas por mais ambíguo e inconstante que este terreno possa ser, não é um território infértil para um escritor ocupar. Se a literatura tem em parte a tarefa de encontrar novos ângulos para entrar na realidade, então, mais uma vez, a nossa distância, a nossa longa perspectiva geográfica, pode fornecer-nos tais ângulos.

Rushdie utiliza o lexema “straddle” no original, isto é, “estar montado”. O conjunto imagético que ele utiliza para apresentar seus argumentos remete a experiências corporais que ilustram formas de estar no mundo. A primeira parte da citação alude a modalidades do posicionamento, nas coordenadas simbólicas disponibilizadas pela prática cultural. Esses dois posicionamentos: “estar montado” ou “cair entre os dois bancos” recuperam imageticamente dois momentos do princípio de pertencimento, mantendo as conotações de movimento entre uma sensação de obtenção de agência e sua perda.

O ponto de partida para a negociação desse pertencimento remonta à identidade individual. Nesse contexto, Rushdie reforça o caráter instável e em constante revisão que fundamenta as

⁴ No original: “Our identity is at once plural and partial. Sometimes we feel that we straddle two cultures; at other times, that we fall between two stools. But however ambiguous and shifting this ground may be, it is not an infertile territory for a writer to occupy. If literature is in part the business of finding new angles at which to enter reality, then once again our distance, our long geographical perspective, may provide us with such angles.” (RUSHDIE, 1991, p. 15).



narrativas de identidade. Com efeito, ela é constituída por múltiplos vetores, compostos pelos atravessamentos interseccionais, mas também pelo percurso existencial individual, com sua gênese única do si. Além de múltipla, a narrativa identitária permanece parcial, na medida em que se encontra em constante transformação, com uma revisão ininterrupta dos sentidos que norteiam sua composição.

Por fim, Rushdie também reflete sobre o papel do escritor como artífice da palavra. É por meio dos instrumentos da língua que se instauram os ângulos, a partir dos quais leitores conseguem identificar e problematizar formas de pertencimento e deslocamento. Isto é, a arte das palavras cria um ponto de acesso para pensar a realidade e a complexidade que a atravessa. O olhar sobre o texto literário, portanto, pressupõem um esforço de identificar esses ângulos, com seus posicionamentos específicos na cartografia das interações, e refletir sobre como deslocamentos e pertencimentos emergem da malha ficcional.

3. O pertencimento e seu entrelaçamento da língua

Ao longo do percurso de formação de Esperanza, o pertencimento desempenha um papel central em suas buscas. Ele se torna foco de inquietação em forma de anseio por participação tanto da malha local como da dimensão cultural. O romance encena o ponto de vista de uma narradora ainda criança, quase adolescente. Assim, as interações encenadas no relato diegético também ilustram a experiência de uma personagem em busca de um léxico capaz de captar um conjunto de anseios que ainda não logra nomear. Nessa esteira, a configuração simbólica do romance cumpre a função de condensar elementos que a personagem ainda não consegue verbalizar. A casa, lexema presente no título do romance, se destaca nesse aspecto, pois unifica diferentes vetores do anseio por pertencimento.

Logo nos capítulos iniciais, a jovem narradora autodiegética fala sobre a casa na Rua Mango. Trata-se do primeiro imóvel da família, com as vantagens de não pagar aluguel e não dividir o pátio com nenhum vizinho: “Eles sempre nos disseram que um dia nos mudaríamos para uma casa, uma casa de verdade, que fosse nossa para sempre e desse jeito não teríamos que nos mudar todos os anos. [...] Mas a casa na Rua Mango não é do jeito que eles disseram, não mesmo. (CISNEROS, 2020, p. 32).” A passagem revela a importância que a protagonista confere a esse espaço. O uso da combinação lexical “uma casa de verdade” ilustra a indeterminação do anseio que motiva o relato da protagonista. O que seria essa “casa de verdade” não fica explícito para o leitor, e não é importante. Mais importante que isso é o modo como o uso do material linguístico indica sua busca por instrumentos da língua que permitam nomear algo que ainda não consegue verbalizar. Junta-se a isso,



a complexidade de sua socialização linguística em duas línguas, com marcadores identitários distintivos, especialmente da comunidade da qual os pais de Esperanza fazem parte (COSTA, 2022).

Uma parte desse anseio está relacionado ao desejo por segurança: “que fosse nossa para sempre”. A protagonista ainda não consegue nomear, mas isso não a impede de explorar os limites do dizível, a partir de sua perspectiva, vale ressaltar. Esse anseio por segurança, com efeito, remete à necessidade de identificar para sua realidade individual um espaço de pertencimento, em que consiga obter a sensação de arraigamento existencial. A promessa feita pelos pais, contudo, acaba frustrada: “Mas a casa na Rua Mango não é do jeito que eles disseram, não mesmo.”. A realidade que encontra não corresponde à imagem mental criada pela protagonista. Ou seja, ela investiu sua energia cognitiva e afetiva imaginando esse espaço, o que corrobora a importância atribuída a essa experiência. Esse estranhamento também reverbera nas relações com seus familiares, pois apresenta-se uma protagonista que se sente afastada do espaço ao seu redor (DE VALDÉS, 1992) por conta do distanciamento entre realidade e imaginação.

A protagonista faz menção de todos os elementos que lhe desagradam, produzindo uma caracterização marcada pela fealdade. Essa adjetivação não é algo novo para Esperanza, já que o mesmo ocorreu em outras moradias, como no caso da Rua Loomis, quando questionada por uma freira. O episódio em questão desperta o desejo por possuir uma casa de verdade, para que ela não se sinta como se fosse nada. A expressão “nada” faz referência ao episódio com a freira, em que Esperanza relata o seguinte sentimento: “O jeito como ela disse fez eu me sentir como se eu fosse nada.” (CISNEROS, 2020, p. 33). O lexema “nada” parece retomar a indeterminação semântica presente em “uma casa de verdade”. O nada a que a protagonista se refere não chega a ser concretamente semantizado. Ela ainda não domina o aparato do verbo, para denominar de forma plena o que causa sua inquietação. Esperanza experimenta uma sensação justamente não descritível, a partir de seus posicionamentos existencial, que deriva da ausência da casa como símbolo e como condensação do pertencimento.

Ao representar linguisticamente o mundo que a circunda, de sua perspectiva específica, a protagonista ainda não tem o léxico para descrever a complexidade de suas sensações, talvez, mas não somente, por conta do trânsito entre as duas culturas em que ela se encontra inserida (BETZ, 2012). Seus usos, contudo, revelam uma personagem em busca de um material que se aproxime daquilo que deseja codificar. Nesse exercício de codificação, ainda vago nos usos lexicais, desponta uma voz que busca dar corpo verbal a sensações que fundamentam sua gênese do si. O relato diegético, nessa linha de argumentação, ilustra um exercício de retórica existencial, em que ela faz experimentos com o material linguístico, a fim de testar, possivelmente romper, as fronteiras do que lhe é subjetivamente dizível.



Outra imagem atrelada à imagem da casa diz respeito à imaginação do futuro. Esperanza deseja intensamente uma casa, mas esse desejo não se restringe à construção de paredes. A partir de sua perspectiva como criança, isso é algo que ela não consegue nomear. Na passagem que segue, Esperanza faz uma projeção de como será, quando possuir sua própria casa, do jeito que ela sonha:

Um dia eu vou ter a minha própria casa, mas eu não vou me esquecer de quem eu sou ou de onde eu vim. Os vagabundos de passagem vão perguntar: Posso entrar? Eu vou oferecer a eles o sótão, pedir a eles que fiquem, porque eu sei como é estar sem uma casa” (CISNEROS, 2020, p. 119).

Essa imaginação de futuro está atrelada à sua construção de identidade. A passagem revela um exercício de cartografia. No seu esforço de imaginação e denominação, ela prevê passado, presente e futuro. Trata-se de uma linha do tempo, com origem, estado atual e situação futura, que demarca seu espaço existencial e, portanto, cria uma coordenada de posicionamento. Seu empenho intelectual empreende o esforço de identificar seu lugar no mundo e delinear um projeto de futuro, em que suas coordenadas existenciais estejam em consonância com seus próprios anseios.

Acompanhando essas coordenadas de posicionamento, também imagina dinâmicas de inclusão e exclusão. Ela claramente não fala disso, nesses termos. Contudo, vale a pena perguntar quem seriam os “vagabundos de passagem”, no horizonte sociocultural de uma criança oriunda do contexto de fluxos migratórios. Semanticamente o texto não vai fornecer uma resposta clara. Contudo, também, nesse contexto, parece que a indeterminação linguística reverbera algo que ela deseja nomear, sem ter os instrumentos verbais para isso. A partir de sua perspectiva infantil, os lexemas assumem uma conotação de inocência. Para o processo de decodificação do relato diegético por parte do público leitor, as conotações são outras, pois os lexemas encobrem as tensões sociais que fundamentam a experiência da protagonista.

Com efeito, esses elementos lexicais são centrais para a construção das personagens do romance, pois remetem às dinâmicas de inclusão e exclusão, consequentemente, também ao princípio de pertencimento e deslocamento. Filha de imigrantes, nascida nos Estados Unidos, a sensação de estar sem casa é maior, pois não há um local de identificação para o qual ela possa retornar. Há apenas a indefinição e o não pertencimento, reforçando a sensação de deslocamento tanto da cultura dos pais quanto da cultura do seu próprio país. Os “vagabundos de passagem” imaginados pela protagonista semanticamente têm em comum com sua própria experiência o princípio do não pertencimento e da exclusão. Isso vale para os muros da casa, mas também para os muros construídos ou burocraticamente implementados que impedem o assentamento existencial.

O que inicia na infância cresce junto dela, conforme o enredo encena o amadurecimento da protagonista. Em determinado momento, Esperanza consulta Elenita, cujos serviços se dedicam à



leitura do futuro. A consulta é motivada pelo desejo que já tivera quando criança: “E quanto a uma casa, eu digo, porque foi por isso que eu vim” (CISNEROS, 2020, p. 95). As informações adicionais não despertam seu interesse, restando apenas ânsia de descobrir algo sobre a tão sonhada casa cuja ausência é sentida desde a infância. Quando Elenita diz que “Eu vejo uma casa no coração” (p. 95), a jovem se sente frustrada, já que não obtém nenhuma informação concreta.

O que a vidente revela não é irrelevante, pois pertencimento é, antes de mais nada, uma condição afetiva e não material. A obtenção desse recurso certamente depende da inclusão nas diferentes coordenadas socioculturais disponíveis num determinado espaço. Ao mesmo tempo, contudo, sua obtenção também está condicionada às estratégias ideadas pelo respectivo sujeito, a fim de estabelecer uma casa afetiva, isto é, uma configuração de laços emocionais que permitam ao sujeito sentir-se em casa. Nesse horizonte, a busca pela vidente estabelece uma analogia a seus usos da língua, com a protagonista sempre tateando, em busca de uma clareza que não obtém.

Essa busca também se revela nos episódios que tratam dos nomes. O episódio é relatado no início do romance, quando a personagem comenta que sua irmã Magdalena possui um apelido americanizado: Nenny. Com esse apelido, sua irmã pode se proteger de possíveis olhares julgadores. O mesmo não ocorre com Esperanza. No capítulo “Meu nome”, a protagonista escreve:

[...] Magdalena que ao menos pode chegar em casa e ser a Nenny. Mas eu sou sempre a Esperanza.

Eu gostaria de me batizar com um nome novo, um nome que combine mais com a verdadeira eu, aquela que ninguém vê (CISNEROS, 2020, p. 39).

O episódio do nome próprio condensa algo que atravessa o relato diegético: os limites da língua na sua função de nomear. Esperanza não quer estar presa, seja a um nome ou a um destino pré-estabelecido por outros. Ela quer ser capaz de se construir e de se reinventar a partir de um pertencimento que ela busca constantemente, mas nunca encontra. Ninguém enxerga seu verdadeiro eu, mas ela também não é capaz de externalizá-lo com os mecanismos que possui. A designação “a verdadeira eu” cria paralelos aos usos verbais anteriores, oscilando entre indeterminação semântica e o anseio por clareza e segurança.

O fim do romance, nomeado de “Às vezes a Mango diz adeus”, é também uma rememoração do início e um aprofundamento da percepção da voz narrativa. Aqui, é possível identificar uma voz mais articulada, de uma narradora mais adulta, tendo em vista sua capacidade de discernimento sobre o pertencimento. Ao expressar: “Eu vou te contar uma história sobre uma menina que não queria pertencer.” (CISNEROS, 2020, p. 142), a narradora transcreve os anseios de Esperanza quando criança e, possivelmente, quando adulta. Trata-se de um momento no desenvolvimento da perspectiva da



protagonista, em que ela é capaz de discernir elementos da gênese de sua identidade e consegue refletir sobre isso de forma analítica.

Mesmo querendo fugir da casa na Rua Mango, é justamente dessa casa feia que grande parte das suas memórias vêm: “[...] o que eu lembro mais é da Rua Mango, da casa triste e vermelha, da casa à qual eu pertencia, mas não pertencia” (CISNEROS, 2020, p. 142-143). É dela que vem o título do romance, para ressaltar a ambiguidade do pertencimento. Essa ambiguidade que caracteriza sua sensação de pertencimento talvez também se encontre na base de seus usos verbais. Sua dificuldade de nomear os fenômenos que caracterizam sua identidade possivelmente está relacionada com o caráter claramente ambíguo daquilo que experimenta: pertencer e não pertencer ao mesmo tempo. Numa socialização linguística que ensina a usar pares binários, a ambiguidade acaba sendo reprimida ou mesmo debelada. Contudo, é esse universo da indeterminação semântica que caracteriza a protagonista. Isso certamente motiva a busca e a reflexão sobre a sua casa ideal.

Ao mesmo tempo em que Esperanza precisa processar a ambiguidade que caracteriza sua sensação de pertencimento, personagens provenientes de grupos dominantes contribuem para a intensificação do deslocamento. Isso ocorre principalmente por concepções, estereótipos e discriminações. Um dos episódios mais paradigmáticos, nesse sentido, é quando a protagonista deseja almoçar na escola como outras crianças que precisam permanecer lá.

Mesmo não morando tão longe da escola, a menina decide almoçar na cantina e pede para que sua mãe escreva um bilhete avisando o diretor. Entretanto, o desenrolar da cena não ocorre como esperado, já que uma das freiras a interpela de maneira rude, já que a casa da jovem é próxima. A menção à distância desencadeia outra reflexão acerca da figura da casa. Ao questionar sobre o assunto, a Madre Superiora da escola leva Esperanza até uma das janelas mais próximas, com o intuito de fazer a menina identificar sua casa, comprovando assim o argumento da freira:

E então ela fez eu subir num caixote de livros e apontar. Aquela lá?, ela disse, apontando para uma fileira de casas feias de três pisos, aquelas em que até os homens esfarrapados têm vergonha de entrar. Sim, eu assenti, mesmo que soubesse que aquela não era a minha casa, e comecei a chorar. (CISNEROS, 2020, p. 73).

A passagem ilustra o modo como as dinâmicas de pertencimento são produzidas. A primeira delas é o agrupamento de atores sociais oriundos de contextos de imigração dentro de uma mesma concepção. Para a Madre, não faria diferença se a casa indicada seria ou não a de Esperanza, já que qualquer uma serviria para cumprir o propósito de seu discurso. Por um lado, ela quer convencer a protagonista de que seu desejo de permanecer na escola para o almoço, como outras crianças, não tem legitimidade. No mesmo movimento, contudo, ao indicar a casa como exemplo ela também



produz uma imagem e enquadra o pertencimento de Esperanza. Em outras palavras, ela produz, no ato da fala, um posicionamento sociocultural, confrontando a protagonista com coordenadas que ela não reconhece.

Nesse momento, Esperanza não tem os instrumentos necessários para resistir a essa tentativa de posicionamento social. Afetivamente, ela não tem os recursos para enfrentar a violência simbólica que se emerge, de forma insidiosa, das palavras. Ela tampouco possui os recursos verbais para revidar e oferecer resistência às imagens produzidas. Com efeito, ela se encontra, numa configuração social, em que há claramente um desequilíbrio de poder. A freira se encontra numa instituição de ensino e tem seu papel social associado a instituições religiosas. Dessa perspectiva privilegiada, ela produz imagens e sentidos, delineando as coordenadas sociais, nas quais quer ver a protagonista posicionada. A imposição do deslocamento e a produção da sensação de despertencimento origina de um espaço institucional, com seus privilégios de produção discursiva.

Nesse contexto, a produção de deslocamento ocorre em duas vias. De um lado, personagens em posições de autoridade se utilizam de estratégias de construção da diferença a fim de aumentar as barreiras de pertencimento. Do outro, personagens provenientes de grupos minoritários se sentem deslocados do novo local, sempre em busca de um léxico que permita encontrar o elo com as novas coordenadas de concretização existencial.

4 Considerações finais

A partir do posicionamento sociocultural ocupado por Esperanza, questões referentes ao pertencimento e ao deslocamento se transformam em foco de atenção no relato diegético. Essas duas modalidades de posicionamento contêm estratégias utilizadas nas organizações sociais e definem o princípio de inclusão e exclusão. A protagonista possui um anseio profundo de pertencer. Na malha ficcional, esse anseio é traduzido pela malha simbólica em volta da casa. Assim, a casa representa o ponto de partida de sua problematização e uma espécie de sucedâneo para as mais diferentes buscas por pertencimento. Em analogia às constantes mudanças de casa, seu pertencimento tampouco se assenta ou se torna estável. No lugar do arraigamento, a protagonista experimenta uma constante necessidade de rever e renegociar suas formas de pertencimento.

Esse processo de negociação não se limita somente ao princípio da interação social, com o estabelecimento de hierarquias ou de regras de inclusão e exclusão. O romance de Cisneros ilustra como essa dinâmica ocorre num nível muito mais abstrato que é a esfera da própria língua. Em diferentes episódios, a protagonista se vê confrontada com os desafios de nomear algo cujas dimensões ainda não consegue verbalizar. A busca por pertencimento e a dinâmica dos deslocamentos passa pelas malhas da língua. Com isso, os limites não são impostos somente pelas



interações sociais, eles se erigem a partir da habilidade de nomear a experiências que fundamentam a realidade.

5. Referências

ANTHIAS, Floya. **Intersectional what? Social divisions, intersectionality and levels of analysis**. In: *Ethnicities*, v. 13, n. 1, p. 3-19, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BETZ, Regina M. **Chicana “Belonging” in Sandra Cisneros’ The House on Mango Street**. In: *Rocky Mountain Review*, v. 66, 2012.

CARBADO, Devon W.; CRENSHAW, Kimberlé Williams; MAYS, Vickie M.; TOMLINSON, Barbara. **Intersectionality: Mapping the Movements of a Theory**. In: *Du Bois Rev*, v. 10, n. 2, p. 303-312, 2013.

CISNEROS, Sandra. **A casa na Rua Mango**. Tradução de Natalia Borges Polesso. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

COSTA, Jefferson Xavier Freire da. **In-Between: Uma análise do uso de code-switching no livro A Casa na Rua Mango de Sandra Cisneros**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Inglês) - Curso de Licenciatura em Letras Inglês - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

DA SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

DE VALDÉS, Maria Elena. **In Search of Identity in Cisneros’ The House on Mango Street**. In: *Canadian Review of American Studies*, v. 23, n. 1, 1992.

GONÇALVES, Ana Beatriz Rodrigues; MENEZES, Renata Rezende. **Esperanza na fronteira: construção identitária dos sujeitos chicanos em “The House on Mango Street”, de Sandra Cisneros**. In: *Contexto*, v. 2, n. 40, 2021.

KRAUS, Wolfgang. **The narrative negotiation of identity and belonging**. In: *Narrative Inquiry*, v. 16, n. 1, p. 103-111, 2006.



RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RUSHDIE, Salman. Imaginary Homelands. In: RUSHDIE, Salman. **Imaginary Homelands. Essays and Criticism 1981-1991**. London: Granta Books, 1991, p. 9-21.

SANTOS, Lidiane Lessa de Jesus. Identidade chicana em “The House on Mango Street”, de Sandra Cisneros. In: **Revista Entre Parênteses**, v. 2, n. 9, 2020.

STRÅTH, Bo. Belonging and European Identity. In: DELANTY, Gerard; WODAS, Ruth; JONES, Paul. **Identity, Belonging and Migration**. Liverpool: Liverpool University Press, 2008, p. 21-37.